



O FEITICEIRO CHEGOU NUM SÁBADO.

Sarah, com seus seis anos recém-completados, apertou minha mão enquanto seguíamos pelos corredores da escola em direção à diretoria. Eu a tinha deixado usar seu manto cinza, mesmo estando do lado de dentro, porque o fogo matinal das lareiras ainda não havia sido aceso. Uma névoa se espremia contra as janelas altas, escurecendo o saguão de pedra. Por causa de Sarah, mantive um sorriso. Meu medo não poderia vencer hoje.

— Ele vai me bater, Henrietta? Quero dizer, Srta. Howel. — Com frequência ela se esquecia de me chamar pelo tratamento adequado, contudo, eu havia me tornado professora apenas dois meses atrás. Vez ou outra, quando estava lá na frente da sala de aula, olhava para a carteira vazia na qual costumava me sentar e me sentia uma fraude.

— Um feiticeiro nunca machucaria crianças — falei, apertando a mão dela. Para ser sincera, eu nunca havia conhecido um feiticeiro até então, mas Sarah não precisava saber disso.

Ela sorriu e suspirou. Como era fácil tranquilizá-la. E como era difícil tranquilizar a mim mesma, afinal, por qual motivo um feiticeiro da realeza viajaria a Yorkshire para falar com uma criança? Será que a guerra contra os Ancestrais estava indo tão mal que ele precisava de garotinhas munidas de agulhas de costura e um pouco de francês para assumir a linha de frente?

Não. Ele tinha ouvido sobre os incêndios.

Entramos no gabinete e vimos dois homens sentados diante da lareira, bebericando chá. Era o único ambiente aquecido em toda a escola, e esfreguei meus dedos dormentes, grata pelo calor. Sarah passou reto pelos homens para aquecer as mãos e, num gesto muito constrangedor, o bumbum no fogaréu.

— Srta. Howel! — chamou nosso diretor, levantando-se da cadeira.  
— Controle esta criança de uma vez por todas.

Gesticulei para Sarah voltar e fizemos uma reverência juntas.

— Bom dia, Sr. Colegrind — murmurei. Colegrind era um senhor pálido, com nariz aquilino e um bigode tão grisalho quanto sua personalidade. Quando eu tinha cinco anos, morria de medo dele. Agora que estava com 16, sentia repulsa.

Ele franziu a testa.

— Por que Sarah está usando manto?

— Ainda não acenderam as lareiras, senhor — falei, declarando o óbvio. Que homem nojento. — Não queria que ela ficasse tremendo na frente de nosso convidado ilustre.

Colegrind fungou, e lhe ofereci meu sorriso mais falso.

O outro homem, que havia analisado toda a cena enquanto segurava sua xícara de chá, pôs-se de pé.

— Não tem problema — disse o feiticeiro. — Garotinhas precisam estar aquecidas. — Ele se ajoelhou diante de Sarah. — Como você está, minha querida?

Aquele sujeito não podia ser um feiticeiro. Sempre achei que a Ordem real fosse composta por homens sisudos que usavam vestes simples e fediam a água de repolho. Este cavalheiro se assemelhava mais a um vovozinho de contos infantis, com tufo de cabelos cacheados grisalhos, bochechas com covinhas e olhos calorosos castanhos. Ele soltou a própria capa, adornada com pele de zibelina, e envolveu Sarah com ela. A menina se abraçou.

— Pronto — falou. — Serviu direitinho. — Ele assentiu para mim.  
— Você fez muito bem em ter esse cuidado com ela.

Baixei meus olhos e murmurei uma resposta:

— Obrigada, senhor.

Quando ele se levantou, notei uma coisa pendurada em sua bainha, junto à lateral do corpo. Tinha a extensão de uma espada, mas só podia ser seu bastão de feiticeiro, o maior instrumento de seu poder. Já tinha ouvido falar de objetos assim, mas nunca tinha visto nenhum. Não consegui evitar arquejar.

Agrippa bateu no cabo.

— Gostaria de ver? — ofereceu.

Sua idiota! Eu deveria passar *despercebida* hoje. Pela primeira vez, fiquei grata pela interrupção de Colegrind.

— Mestre Agrippa — disse Colegrind. — Que tal prosseguirmos?

O feiticeiro conduziu Sarah a uma cadeira enquanto me mantive recostada na parede, invisível como sempre. Professores normalmente já não chamavam a atenção, e eu era muito magricela e tinha os cabelos escuros demais para causar qualquer impacto. Admito que não queria chamar a atenção de Agrippa hoje, não se ele tivesse vindo por causa dos incêndios. Expirei, torcendo para que meu coração desacelerasse. Por favor, diga que ele veio por outro motivo. Para ver a paisagem, por causa desse clima horroroso de abril, para *fazer qualquer outra coisa*.

O feiticeiro sacou um caramelo do bolso de seu casaco e deu a Sarah. Enquanto ela mastigava, Agrippa pegou uma vela acesa e posicionou diante da garota. A chama tremeluziu. Agarrei minha saia, apertando o tecido para me distrair. Eu não ia sentir medo, porque medo frequentemente convocava...

Eu não ia sentir medo.

— Pense na chama — sussurrou Agrippa. — Pense no fogo.

*Não*. Como se reagisse às palavras do feiticeiro, meu corpo ficou mais quente. Desesperadamente quente. Escorreguei minhas mãos para as costas, entrelacei os dedos e fiz uma prece.

Era evidente que Sarah estava dando seu melhor, pensando com tanto afincio que seu rostinho começara a ficar vermelho. Nada aconteceu à vela.

— Não minta — ordenou Colegrind a Sarah. — Se estiver escondendo algo, mestre Agrippa saberá. Quer que ele pense que você é uma garotinha má?

*Uma garotinha má*. Era esse tipo de pessoa que eles procuravam. Onze anos antes, meninas com poderes mágicos eram toleradas. Agora, por Deus, somente a morte as aguardava. *Me* aguardava. Encolhi os dedos dos pés dentro dos sapatos e mordi a língua até meus olhos lacrimarem. Meus dedos queimavam tanto...

— Olhe para o fogo! — disse Colegrind.

Espalmei as mãos contra a parede de pedra fria. Pensei em coisas congeladas, tipo neve e gelo. Aguenta. Aguenta...

Sarah caiu em prantos. Entre a crueldade de Colegrind e minha própria dor física, disparei:

— Não tem por que fazer a menina chorar.

Os homens se viraram. Agrippa ergueu as sobrancelhas, surpreso. Colegrind fez cara de quem gostaria de me dar um tapa. Na presença de um feiticeiro, no entanto, ele teria de se conter, mas eu desconfiava que sentiria o açoite do diretor assim que Agrippa fosse embora. Espancamento era sua atividade física favorita. De alguma forma, porém, o fogo aliviara, então minha comoção valera a pena.

— A Srta. Howel tem razão — disse Agrippa. — Não há com o que se preocupar, Sarah. — Ele acalmou o choro dela e movimentou a palma acima da vela. Tomou a chama na mão, que ficou flutuando a poucos centímetros da pele. Então pegou o bastão, uma vara de madeira simples com um visual bastante comum, e apontou para o fogo. Concentrando-se, fez a chama dançar e se retorcer em diferentes formatos antes de extingui-la com um movimento hábil. Boquiaberta, Sarah aplaudiu muito, admirada, esquecendo-se das lágrimas.

— Pode ir — disse Agrippa, entregando-lhe mais um caramelo. Sarah pegou o doce e correu para fora da sala o mais rápido possível. Criança de sorte.

— Peço desculpas pela explosão imperdoável, mestre Agrippa — disse Colegrind, me encarando. — Aqui na Escola Feminina Brimthorn, tentamos reprimir a obstinação e insolência das mulheres.

Ele podia tentar me reprimir o quanto quisesse. Agora, esse era o menor dos meus problemas. Minhas mãos estavam começando a queimar de novo.

— Acho que uma pitada de insolência pode ser bem agradável de vez em quando. — Agrippa sorriu para mim. — Poderia por gentileza me trazer a próxima garota, minha querida? Vou aplicar testes em todas as crianças desta escola.

Se ele ia testar todas as 35 crianças, só *podia* estar procurando uma bruxa. Gemi por dentro.

— É claro. Volto logo. — Saí da sala e disparei numa corrida. Precisava ir lá fora. Passei pela porta da frente, corri pelo campo até o topo da colina. Só mais uns passos e ficaria fora de vista.

Caí de joelhos e o fogo espirrou das minhas mãos. Chamas azuis faziam cócegas nas minhas palmas abertas. Fechei os olhos e suspirei enquanto agarrava chumaços de grama úmida.

Colegrind e mestre Agrippa jamais poderiam saber. Magia feminina — bruxaria — era um crime, cuja sentença era a morte. As chamas já tinham se acalmado e faíscas saíram das pontas dos meus dedos quando senti alguém sentar ao meu lado.

— Tem um feiticeiro da Ordem real aqui para testar todas as garotas — contei a Rook, sem me virar. Só meu amigo mais querido para reagir com indiferença às minhas mãos pegando fogo. A fumaça soprava por entre meus dedos. — Ele está procurando quem começou os incêndios.

— É por isso que você só deveria soltar as chamas no pântano, já falei — disse ele.

— Nem sempre dá para me controlar, sabe. — Se eu perdia a cabeça, se algo me atiçava, se Colegrind fazia algo particularmente desprezível, o fogo vinha à tona. Eu nunca conseguia controlar por muito tempo.

— O feiticeiro não vai testar você, vai? — Rook apoiou as costas nas minhas.

— Sou poupada disso por ser professora, graças aos céus. Alguém lá embaixo consegue ver a gente? — Era um tanto seguro ali, mas não tão distante quanto eu gostaria. Não seria nada bom se alguém subisse a colina de surpresa.

— Estou sentado, evitando fazer meu trabalho, então não. — Pelo tom de voz dele, dava para perceber que sorria. — Quem quer que olhe para cá, só vai ver a mim.

— Obrigada — sussurrei, cutucando seu braço. — Preciso voltar. Mais garotas serão testadas.

— Pense em algo gelado — disse Rook depois que ficou de pé e me ajudou a levantar. A mão esquerda dele segurou a minha com força, e ele franziu a testa.

— Suas cicatrizes estão doendo? — perguntei, pressionando a mão no peito dele. Podia imaginar os professores mais antigos fofocando sobre meu comportamento “progressista”, mas nós dois nos conhecíamos desde a infância. Rook *era* atraente, com traços fortes e graciosos, e olhos azuis. O cabelo dele continuava liso-escorrido, tal como era quan-

do tínhamos 8 anos. Sempre achei que ele se assemelhava mais a um poeta ou a um cavaleiro, mesmo sendo apenas um cavaliço. Ainda assim, a maioria das pessoas daria as costas para Rook, apesar de toda sua beleza, se soubesse o que ele escondia debaixo da camisa.

As cicatrizes eram horríveis. Não eram visíveis quando ele tomava o cuidado de abotoar a blusa toda, mas estavam ali. O ataque de um Ancestral costuma matar. Rook tinha sido um dos poucos sortudos a sobreviver, mas pagara um preço alto.

— Tem doído mais que o normal. Você sabe que fica pior quando o tempo está úmido — disse ele. Como em resposta, um trovão ribombou à distância.

— Me encontre depois do teste das meninas — falei. — Vou trazer a pasta.

— Você sabe como deixar um cara feliz, Nettie. — Ele comentou com olhos sérios. — Tome cuidado.

— Sempre — falei antes de voltar para a escola.

DUAS HORAS DEPOIS, EU ESTAVA ajoelhada no gabinete vazio. As lágrimas tomavam meus olhos enquanto a vara açoitava minha nuca. 15, 16, 17, contei. Faltavam três. Fiquei imaginando montinhos de neve no inverno. Felizmente, os outros testes seguiram sem sobressaltos, apesar de vez ou outra eu ter sentido as ondas de calor. *Vinte*. Um fio morno de sangue escorria pelo meu pescoço até a gola. Tentei ficar de pé, mas Colegrind agarrou meu ombro e me segurou no lugar. Mas que desgraçado.

— Você era uma criança rebelde, Henrietta. Não deixe que suas paixões a desviem do caminho agora que é uma moça. — Contive um calafrio quando a mão de Colegrind desceu pelas minhas costas. Ele começara a me “notar” dessa maneira nos últimos três anos. Sujeitinho nojento.

— Sim, senhor — falei automaticamente. Era a única resposta aceitável às longas críticas de Colegrind. Um calor lento formigava minhas mãos. Se pelo menos eu pudesse liberar minha raiva e dar a resposta que ele merecia... Mas isso seria loucura. Assim que fiquei de pé, Agrippa entrou na sala.

— Com licença — disse o feiticeiro, então parou. Os olhos dele foram da vara de Colegrind para mim. Botei uma das mãos na nuca para esconder as marcas, mas pude ver que ele entendeu tudo. Suas palavras seguintes saíram frias e entrecortadas: — Sr. Colegrind, parece que há um problema com minha carruagem.

— Os serviços são uns inúteis — disse o diretor, como se devêssemos nos apiedar dele.

— Talvez o senhor pudesse cuidar disso, então. — Tinha soado mais como uma ordem disfarçada de pedido. Colegrind retesou o maxilar e quase retrucou, depois pensou melhor e saiu, resmungando. Agrippa se aproximou de mim, o rosto marcado de preocupação.

— Você está bem?

Ele falou com tanta gentileza que senti as lágrimas se acumularem nos cantinhos dos meus olhos. Balancei a cabeça e comecei a ajeitar a saia.

— O Sr. Colegrind está bravo porque não encontramos quem deu início aos incêndios — falei, encostando uma cadeira na parede. — Estes três anos têm sido bem difíceis para ele. O diretor tinha certeza de que a culpada seria descoberta. — Senti uma ponta de orgulho: aquele velho tolo tinha se decepcionado de novo.

— Essa situação tem mesmo acontecido há três anos?

— Ah, sim. Na maioria das vezes, são apenas focos de incêndio em volta da estrebaria, mas vários dos casacos favoritos do diretor tiveram uma morte “acidental”. — Esforcei-me para não deixar transparecer alegria na voz. — Eu poderia lhe dar uma lista de pessoas que não gostam do Sr. Colegrind, mas receio que não facilitaria suas buscas. — Eu sabia que era ousado falar isso, mas Agrippa riu. — Como soube de nós, senhor?

— Minha Ordem mantém os ouvidos atentos para casos assim — disse ele. Virei-me para olhá-lo. Ele parecia escolher as palavras com cuidado.

— Casos de bruxaria? — Quase tropecei na palavra.

— De certo modo, sim.

— Foi incrível o que o senhor fez com o fogo — falei, arrumando a ponta de um tapete. — Quero dizer, fazendo aquela apresentação para Sarah.

Agrippa riu.

— Gosto de uma boa plateia.

A chuva virou um rugido fraco no telhado. Parei o que estava fazendo e estremei ao ouvir o barulho.

— A chuva a incomoda? — quis saber Agrippa, percebendo minha reação.

— Dizem que ela traz Familiares. Ou, que os céus nos protejam, um dos Ancestrais.

Diante do meu comentário, Agrippa ficou sério e assentiu.

— Não há o que temer. O único Ancestral que gosta deste clima é Korozoth, e ele está perto de Londres neste momento.

Korozoth, a grande Sombra e Neblina. Diziam que era o guerreiro mais feroz de todos os Sete Ancestrais.

— O senhor já o encontrou em alguma batalha? — Minha mente foi tomada por imagens de Agrippa se elevando no ar contra uma nuvem negra gigantesca, numa cena tão emocionante quanto eu conseguia imaginar.

— Em várias ocasiões. Isso assusta você? — perguntou ele, rindo. Eu tinha me sentado numa poltrona, fascinada.

— Não. Sempre quero notícias sobre o andamento da guerra. — Sei que deveria desejar que ele fosse embora logo, mas fui vencida pela curiosidade. Quando criança, eu tinha passado inúmeras noites insone, deitada na cama, admirando as imagens formadas pelas sombras e pelo luar no teto. Imaginava monstros e me via lutando contra eles. A Srta. Morris, minha professora, só fungava e me dizia que tais devaneios não eram *nada femininos*.

— Quantos anos você tinha quando os Ancestrais chegaram? — Agrippa se sentou numa poltrona à minha frente.

— Cinco. — Lembro-me de ter ficado escondida debaixo da cama quando as primeiras notícias estouraram, ouvindo minha tia berrar ordens para a criada. Tínhamos que botar na mala somente o essencial, dissera ela, porque teríamos de viajar ao cair da noite. Abracei forte minha boneca e sussurrei que protegeria a todas nós. Essa lembrança quase me fazia rir agora. Minha boneca, minha tia, minha vida em Devon... tudo tinha acabado.

— Você nunca viu um dos Ancestrais, não é? — perguntou Agrippa, me trazendo de volta ao presente.



— Não. E sou grata por isso, não me entenda mal, mas sempre me perguntei se isso era normal. Vai ver as bestas não têm interesse no esplendor natural de Yorkshire. — Revirei os olhos. Lá fora, a chuva parecia alagar o terreno. Íamos ganhar um lamaçal *tão* maravilhoso. Agrippa riu.

— É verdade. Os Ancestrais mantêm a atenção nas cidades. Precisam se esforçar mais por causa disso, mas a recompensa é maior. E, é claro, Brimthorn está sob a proteção das terras Sorrow-Fell, o que dificulta o acesso dos nossos inimigos.

— De fato. — Sorrow-Fell era uma imensa propriedade mágica, base da família Blackwood, uma linhagem de feiticeiros poderosos. Lord Blackwood fazia parte de nossas preces diárias, embora nunca tivesse sido visto por nenhum de nós. — O senhor conhece a família?

— O conde está hospedado em minha casa, para estudar. Ele tem mais ou menos sua idade, aliás. — Dei um pulo, surpresa que um jovem de 16 anos pudesse ser tão distinto. Agrippa sorriu. — Gostaria de ouvir sobre a sociedade londrina? Os bailes e as festas, a moda e as intrigas?

— Não, obrigada. Prefiro ouvir mais sobre os Ancestrais. — Enrubesci diante da reação incrédula de Agrippa. — É útil saber bastante coisa a respeito deles. Eu quero ser útil.

— Você é uma professora. O que pode ser mais útil do que educar mentes jovens?

— Não sirvo para nada numa escola beneficente. Meus fortes são história e matemática. — Suspirei ao me lembrar do descontentamento de meus professores em relação aos meus dons óbvios para essas áreas. Eu era prática, é verdade, só que como um *homem*, e não como uma mulher. Meus pensamentos eram metódicos, mas eu era inflexível. Queria discutir minhas opiniões em vez de ficar fazendo conciliações. — A maioria das garotas daqui deseja aprender apenas a ler e a costurar. As mais promissoras estudam francês para virarem tutoras. E quando se tornam tutoras, ensinam meninas a tocar a música de outras pessoas e a copiar o desenho de outras pessoas. Às vezes, parece que moças são treinadas desde o nascimento para jamais contribuírem com nada de original numa conversa. — Corei de vergonha. Minha língua havia vencido, e Agrippa me olhava com algum interesse. — Não deveria tê-lo incomodado com minhas ideias.

— Não incomodou. Você me lembra uma jovem que conheci. — Ele sorriu com tristeza.

Colegrind voltou, encharcado até os ossos.

— Sua carruagem está pronta — disse com uma dignidade sóbria, então deu meia-volta e saiu da sala. Seus sapatos pingavam a cada passo. Agrippa deu uma risadinha e balançou a cabeça.

Gostei desse homem. Queria não precisar temê-lo.

A CHUVA JÁ HAVIA PARADO quando saímos. Agrippa e eu ficamos aguardando que trouxessem a carruagem até a porta, com muita cautela para que não atolasse. Enquanto estávamos ali de pé, me flagrei murmurando uma canção monótona e suave.

— O que está cantando? — perguntou Agrippa.

— Um velho cântico escolar sobre os Ancestrais. Acho que nossa conversa desenterrou minha memória. — Levei um tempo para recordar a letra exata e cantei:

*“Sete são os Ancestrais, sete também são os dias,  
Segunda é de R’hlem, o Homem Esfolado,  
On-Tez é na terça, a velha Lady Abutre,  
Callax é na quarta, o Devorador de Crianças,  
Zem, a Grande Serpente, destrói a quinta com seu sopro,  
Na sexta, tenha medo de Korozoth, a Sombra e Neblina,  
Jamais navegue aos sábados, diz Nemneris, a Aranha-da-Água,  
E Molochoron, o Destruidor Descorado, é o que chuva no domingo traz.”*

Quanto terminei, Agrippa aplaudiu.

— Interessante — disse ele. — Mas não rima.

— Era mais pela brincadeira de correr atrás uns dos outros do que pela música — expliquei. Agrippa riu e foi chamado para vestir seu casaco. Ele beijou minha mão.

— Até logo, Srta. Howel. Foi um prazer.

Apesar de saber que deveria estar feliz em vê-lo partir, fui tomada por um tipo estranho de tristeza. Fiquei olhando até a carruagem desa-

parecer na estrada, rumo a um banco de neblina. Só depois fui para a cozinha preparar a pasta para Rook.

Foi difícil me lembrar dos ingredientes e macerar as ervas, o que me fez amaldiçoar minha mediocridade em fazer poções. Em sua maioria, as bruxas eram herboristas habilidosas. Se eu tinha que viver com medo de morrer, por que não poderia ter poderes mágicos úteis? Desejei ter tido uma mãe para me ensinar. Desejei ter uma mãe, ponto. Assim que terminei, corri para fora e tomei a trilha em direção aos pântanos.

Mesmo com o peso extra de meu espartilho e minhas saias, eu adorava correr sob o clima arroxeadado e branco. As colinas ondulavam e assomavam à minha volta, e logo cheguei ao ponto de encontro, um afloramento de pedra cinzenta escura. Rook e eu havíamos descoberto o local anos antes, durante uma tentativa de fuga frustrada.

Rook esfregava os olhos, sentado sob uma saliência de pedra. O braço esquerdo estava largado sobre o colo. Droga. A dor devia estar pior do que ele deixara transparecer.

— Trouxe a pasta. Está muito ruim? — Ajoelhei ao lado dele.

— Ah, eu diria que bem ruim — respondeu. Sua voz não se alterou, mas eu podia dizer, pela linha tensa de seu maxilar, que a dor estava terrível. Ele tentou tirar o casaco sem mexer o braço esquerdo.

— Eu ajudo. — Depois de tirar o casaco, a camisa e a camisola de algodão que ele usava por baixo, inspecionei o corpo esguio e enrijecido pelo trabalho.

Um corpo coberto de cicatrizes.

Rook era um Impuro, ferido por um dos Ancestrais. O lado esquerdo do peito era coberto por cicatrizes circulares enormes, como marcas de sucção, de um tom vermelho intenso e inchado, mesmo tantos anos depois. Elas adornavam a clavícula como um colar obsceno, desciam pelas costas e pelo braço esquerdo. Às vezes, quando a dor era extrema, a mão dele ficava dura e os dedos, retorcidos. Tinha sido Korozoth em pessoa quem mutilara meu amigo durante um ataque na olaria. Os soldados que resgataram Rook o trouxeram para um abrigo em Brimthorn, pensando que ele estaria morto pela manhã. Oito anos tinham se passado e a manhã fatal ainda não chegara.

Esfreguei a pasta na palma da mão dele, massageando a pele até que os dedos se abrissem. Estiquei-os, ignorando os arfares de dor. Em poucos minutos, a mão dele relaxou. Rook fechou os olhos, aliviado.

— Obrigado — murmurou, apertando minha mão. Devagar, entre-lacei nossos dedos.

— Seu aperto continua forte — falei, sorrindo. Quando estiquei o braço para tocar seu peito, ele estremeceu.

— Você não precisava me ajudar além do necessário. Estou mais do que em débito com você, já. — Ele vinha evitando meu contato físico nos últimos dias. Eu me sentia desajeitada e perversa, como se devesse ter nojo das cicatrizes, mas não tinha.

— Deixa eu ver suas costas — resmunguei. Metendo os dedos na pasta, sentei-me atrás dele e tomei um susto.

Além das cicatrizes, havia novas manchas vermelhas longas e reluzentes. Alguém o havia açoitado com uma vara.

— Cretino — sussurrei enquanto tentava amenizar as feridas.

— Foi culpa minha — disse Rook. — Não consegui ajudar com os cavalos. Colegrind teve que vir e resolver.

— Você fica lento quando as cicatrizes estão irritadas. Ele já deveria saber disso.

— Não quero nenhum tratamento especial — retrucou ele, a voz firme.

Segurei minha língua e trabalhei depressa. Quando terminei, pousei minha mão em suas costas.

— Vai ser mais fácil se movimentar agora — falei.

— Ah, com certeza. — Ele suspirou, mudando de posição sob meu toque. — Só Deus sabe o que seria de mim sem você neste mundo, Nettie.

— Pare de me chamar de Nettie, Rook. — Sorri. Essa era uma discussão bem antiga. Nettie era um apelido horrível de infância, que me fazia parecer uma senhorinha ou uma galinha.

— Preciso chamá-la de Nettie, Nettie. — Senti o ribombar da risada dele. — Como Colegrind diz, não podemos quebrar a tradição. — Rook se afastou de mim e pegou a camisola de algodão. Com um grunhido, começou a vesti-la. Contive a vontade de ajudar, sabendo que ele ficaria bravo se eu tentasse. — O feiticeiro já foi embora?

— Sim. Essa foi por pouco. — Em um ato nada digno de uma dama, desabei de costas no chão e fiquei encarando o céu.

— Mesmo que você seja uma bruxa, não é como se fosse a Mary Willoughby em pessoa. — Rook suspirou, deitando-se ao meu lado. — Ela morreu, já era.

— Mas o legado dela não.

Por milhares de anos, bruxas haviam existido à margem da sociedade. Eram consideradas mulheres estranhas, um pouco perigosas se você não fosse cuidadoso, mas viviam em paz na maior parte do tempo. Tudo isso mudou quando uma bruxa chamada Mary Willoughby abriu um portal entre os mundos e invocou os Ancestrais, dando início a uma guerra longa e sangrenta. Eu me recordava de um livro que li quando tinha dez anos, *História sobre os Ancestrais para crianças*. Nele, havia a figura de uma mulher com cabelo preto selvagem, olhos insanos e braços erguidos para o céu tempestuoso. *Mary Willoughby, a pior mulher do reino*, lia-se na legenda.

— Ela foi queimada — falei. — Todas as bruxas são queimadas. — Se Agrippa me descobrisse... Bem, eu não poderia ser queimada, não é? Ele teria de ser criativo para me matar. Senhor, que pensamento inquietante.

— Não parece um ato cristão essa coisa de queimar pessoas vivas, não acha?

— Principalmente se você lembrar que ela teve ajuda — completei.

— Sim, do mago. — Rook sorriu quando me sentei, surpresa. — Você me ensinou a ler com aquele livro antigo sobre os Ancestrais, lembra? Howard Mickelmas. Ele ajudou a abrir o portal. Ninguém jamais o capturou, certo?

— Não. Magos são astutos por natureza. — Magos eram bestas imundas repletas de desilusões. *Todo mundo* sabia disso. Pelo menos havia certa nobreza trágica nas bruxas.

— Por que acha que queimam um tipo e não o outro? — perguntou Rook. — Por que magos não são mortos?

Essa conversa não estava me ajudando em nada. Dispensei o assunto, levantei e andei ao redor da pedra, segurando meu xale com firmeza. Rook me acompanhou.

— Não quero que você se preocupe mais com magia — falei, de pé no meio do caminho. Tudo à nossa volta era silêncio, exceto o vento assobiando pelos arbustos. Brimthorn podia ser um lugar péssimo, mas quando se buscava grandes momentos de solidão, nada se comparava a Yorkshire. Rook e eu estávamos a sós, exceto por um cavaleiro ao longe. — Quero pensar na loja que vamos abrir.

— Vai ser em Manchester, ou talvez em Canterbury — disse Rook, entrando na nossa velha brincadeira. — Devíamos abrir uma livraria, com todos os volumes encadernados com capa de couro antigo.

— Acho que esse é o cheiro mais maravilhoso que existe, o de uma biblioteca de livros antigos — falei. Além de Rook, minhas únicas boas lembranças de Brimthorn consistiam em horas de leitura no meu assento de janela favorito. Colegrind era péssimo, mas ao menos tinha sido generoso com sua biblioteca pessoal. Certo verão, li três vezes *A morte de Artur*. Minha cena favorita era quando Artur arrancava a espada da pedra e, de uma hora para outra, deixava de ser plebeu para se tornar rei.

Rook balançou a cabeça.

— Caramba, não podemos nos mudar para Canterbury. A Lady Abutre mora na catedral de lá. — Ele tinha razão. On-Tez, uma dos Ancestrais, vinha governando a cidade nos últimos três anos. Ela era uma besta enorme e medonha: seu corpo era de uma ave carniceira imunda e sua cabeça, de mulher velha e insana. O nome Lady Abutre combinava bem.

— Um dia ela irá embora, então vamos vender livros e o que mais quisermos. Agora: como devemos batizar nossa loja? — perguntei. Rook não respondeu. Eu o cutuquei. — Não me diga que não tem nenhuma ideia. — Rook se afastou pela estrada com as mãos nos bolsos. Surpresa, comecei a caminhar ao seu lado. — O que foi?

— A loja é uma historinha que inventamos quando éramos mais jovens — disse, encarando-me. — Você poderia ser tutora numa casa boa, com comida e salários melhores hoje em dia. Por que não tentou ainda?

Senhor, essa discussão de novo, não.

— Vou tentar quando quiser, mas ainda não quero.

— Por que não?

— Por que pode acontecer de eu botar fogo nas cortinas do patrão — falei, revirando os olhos. — Além disso, não posso... — Mordi minha língua, mas Rook percebeu.

— Não pode o quê? — O maxilar dele estava tenso e os olhos, duros.

— Deixar você — respondi, piscando enquanto aguardava sua reação. Ele parou na estrada.

— Nettie, não quero que você deixe de seguir sua vida por minha causa.

— Não seja bobo — disparei, apertando o xale ao redor dos ombros. — Vou para casa. — Então virei e segui depressa pela trilha, pisando duro ao atravessar os pântanos. Fiquei esperando ouvir os passos de Rook, mas ele não me seguiu. Parei, exasperada. — Você pretende morar aí?

Rook continuava na estrada. Ele fitava o cavaleiro viajante, que agora estava a menos de um quilômetro de distância. Algo na pose rígida de Rook me incomodou. Corri de volta até ele.

— Você está bem? As cicatrizes ainda estão doendo? — perguntei, pegando em seu ombro. No mesmo instante, ele caiu no chão e começou a gemer, como se estivesse sentindo uma dor terrível. Quando o toquei de novo, ele estremeceu. Em pânico, enganchei um braço no dele e tentei levantá-lo uma, duas vezes. Puxei-o com tanta força que perdi o equilíbrio e caí ao seu lado no chão.

Será que a pasta que usei não estava boa? Ele não reagiu quando o chacoalhei.

— Rook? — sussurrei. O som de cascos me fez levantar a cabeça. O viajante tinha chegado. Aliviada, comecei a pedir socorro.

Assim que vislumbrei o que havia nos encontrado, as palavras morreram na minha boca. O pavor me emudeceu.

O viajante não estava montado num cavalo. O animal era um cervo preto com chifres grossos e nodosos e olhos vermelhos brilhantes. Quando bufou, faíscas voaram de seu focinho. O veado abriu a boca e soltou um grito horrendo. Seus dentes eram chanfrados, ideais para rasgar carne.

O cavaleiro usava uma capa com capuz, que farfalhava sobre seu corpo. Ele fedia a sepultura. Devagar, o capuz descobriu seu rosto. Arquejei e me encolhi.

Era uma moça, não um homem. Um pouco mais velha do que eu. Seu cabelo, que antes era de um tom claro e agora tinha ficado quase

branco, prendia-se ao couro cabeludo em cachos imundos. E seus olhos — céus, os olhos — tinham sido costurados com linha preta. Mesmo sem conseguir enxergar, ela parecia saber onde eu estava. Incitou o cervo a parar bem à nossa frente. Umedecendo os lábios com sua língua grossa, parecida com a de um lobo, ela se inclinou na minha direção.

— Morte — coaxou ela, fungando o vento como um animal. — Morte hoje à noite.

O ar explodiu com o som de cascos.